

# O A POSTERIORI DA PESQUISA EM PSICANÁLISE: ENLACES ENTRE O TEMPO DA NARRATIVA E O DA HOSPITALIDADE

**A POSTERIORI** RESEARCH IN PSYCHOANALYSIS: LINKS BETWEEN THE TIME OF NARRATIVE AND OF HOSPITALITY

EL **A POSTERIORI** DE LA INVESTIGACIÓN EN PSICOANÁLISIS: VÍNCULOS ENTRE EL TIEMPO DE LA NARRATIVA Y LA HOSPITALIDAD

*Paula Kegler\**

*Mônica Medeiros Kother Macedo\*\**

## RESUMO

O artigo explorou a existência de dois tempos na produção de uma investigação: a narrativa do participante e a hospitalidade na escuta do pesquisador. Por meio de um delineamento qualitativo via pesquisa narrativa, que estimulou os relatos dos participantes sobre suas experiências na situação de entrevista (e a partir dela), foram identificados dois tempos que viabilizaram, *a posteriori*, a produção de novos sentidos para aquele que se narra e para aquele que o acolhe, via escuta sensível. Assim, o enlace entre esses dois tempos proporcionou uma nova leitura do sujeito sobre si e permitiu ao pesquisador compor um singular saber sobre a produção de conhecimento em pesquisa. Constatou-se, como fator potencializador desse processo, a sensibilidade ao outro, uma vez que, ao favorecer condições efetivas à hospitalidade da escuta, o pesquisador lançou luz sobre novos elementos que se constroem a partir do encontro proporcionado nessa modalidade de investigação.

**Palavras-chave:** Pesquisa narrativa. Psicanálise. *A posteriori*. Hospitalidade.

## ABSTRACT

The article has explored the existence of two moments in the production of an investigation: the participant's narrative and the hospitality from the researcher's listening. Through a qualitative design by a narrative research, which has stimulated the participants' reports about their experiences in the

---

Texto recebido em 4 de agosto de 2019 e aprovado para publicação em 16 de novembro de 2020.

Esta pesquisa é parte integrante de uma tese de doutorado que contou com o apoio financeiro da Capes.

\* Doutora em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), mestra em Psicologia Clínica, professora assistente do Curso de Psicologia da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Endereço: Avenida Willy Eugênio Fleck, 1500, ap. 159 - Bairro Sarandi, Porto Alegre-RS, Brasil. *E-mail:* kegler.paula@gmail.com

\*\* Doutora em Psicologia pela PUCRS, professora permanente no Programa de Pós-Graduação Psicanálise - Clínica e Cultura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), membro do Grupo de Trabalho "Psicanálise, subjetivação e cultura contemporânea", da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia (Anpepp), bolsista produtividade 1D do CNPq, psicanalista. *E-mail:* monicamkm@icloud.com

interview situation (and from it), two moments were identified, and have enabled, *a posteriori*, the production of new meanings for the narrator and the one who welcomes them, via sensible listening. Thus, the link between these two times, has provided a new reading of the subject about themselves and has allowed the researcher to compose an unique understanding about the production of knowledge in research. As a potentializing factor of this process, it was found the sensitivity to the other, since, once providing effective hospitality conditions for listening, the researcher shed light on new elements that are built from the encounter provided in this type of investigation.

**Keywords:** Narrative research. Psychoanalysis. *A posteriori*. Hospitality.

### RESUMEN

El artículo exploró la existencia de dos tiempos en la producción de una investigación: la narrativa del participante y la hospitalidad en la escucha del investigador. Mediante un diseño cualitativo vía investigación narrativa, que incentivó los relatos de los participantes acerca de sus experiencias en la situación de entrevista (y desde ella), se identificaron dos tiempos que hicieron posible, *a posteriori*, la producción de nuevos significados para el narrador y para quien le da la bienvenida, a través de la escucha sensible. De esto modo, el vínculo entre estos dos tiempos, proporcionó una nueva lectura del sujeto sobre sí mismo y permitió al investigador componer un saber único acerca de la producción de conocimiento científico. Como factor potencializador de este proceso, se encontró la sensibilidad hacia el otro, ya que, al proporcionar condiciones efectivas a la hospitalidad en la escucha, el investigador aclara los nuevos elementos que se construyen a partir del encuentro proporcionado en este modo de investigación.

**Palabras clave:** Investigación narrativa. Psicoanálisis. *A posteriori*. Hospitalidad.

## 1. PALAVRAS INTRODUTÓRIAS

Este artigo é fruto de uma pesquisa de doutorado que teve como eixo investigativo a experiência laboral de militares da saúde no exercício do cuidado em catástrofes. O desenvolvimento de um estudo no contexto militar requer que o campo institucional seja também considerado. A constatação de que militares são convocados a trabalhar em situações trágicas potencialmente traumáticas assim como o reconhecimento da imperativa mobilização emocional

decorrente delas incitaram a investigação sobre como se opera o cuidado ao outro nesse contexto.

Enquanto os profissionais foram convidados a produzir uma fala sobre sua intervenção em desastres, foram desveladas singulares narrativas a respeito de si mesmos. A realização do estudo descortinou um conjunto de significados acerca da experiência desses profissionais no contexto da tragédia, mas também a singularidade do estímulo à narrativa como forma de acesso aos dados em um contexto de pesquisa. Nessa direção, a entrevista narrativa realizada com os participantes do estudo sobre o exercício do cuidado em desastres acabou por se configurar como um espaço de cuidado ao cuidador. A noção de ética do cuidado em Psicanálise firmou-se a partir da clínica do trauma e pressupôs o oferecimento da palavra para viabilizar a tradução de intensidades em narrativa, no âmbito de um trabalho construído em um tempo *a posteriori* (Figueiredo, 2007; Kupermann, 2009).

A aproximação dessa modalidade de prática ética à realização de uma pesquisa resultou na constituição de duas importantes experiências relativas à noção de tempo: o *a posteriori* do sujeito na condição de narrar o vivido, no espaço da entrevista, após a experiência laboral, e o *a posteriori* da pesquisadora na escuta das histórias narradas e no trabalho com os dados da pesquisa. Logo, edificaram-se como material desta investigação elementos que se fizeram presentes na experiência de dar acolhimento ao efeito do vivido por ambos os sujeitos implicados no processo de pesquisa: o participante e o pesquisador.

Vale considerar que, na escuta da narrativa dos participantes, a mediação decorrente da transferência com a Psicanálise revelou a implicação da pesquisadora ao assumir uma postura ativa no processo de investigação. Assim, ao oferecer um espaço singular de hospitalidade e reflexão sobre o vivido, esta pesquisa narrativa marcou importante diferença quanto à lógica típica de um ambiente militarizado, imbuído de um código uníssono de prescrições e proibições. A modalidade de encontro realizada no estudo, marcada pela prática da hospitalidade, sustentou a abertura ao desconhecido, o respeito à alteridade e a heterogeneidade presente no conjunto das narrativas construídas. A abordagem sensível aos temas referidos pelos profissionais nos relatos sobre a violência e a destruição presentes em suas vivências laborais no ambiente de devastação, assim como o reconhecimento da afetação que se deu na experiência de escuta dessas intensas narrativas, ofereceram condições para, no *a posteriori*, revelarem-se o sujeito da narrativa e o sujeito pesquisador.

Sobre a possibilidade de surgimento do inesperado em uma situação de pesquisa, Cassorla (2003) contribui ressaltando que “o pesquisador deve ter a

mente aberta, ser capaz de ver onde outros não viram, poder interpretar os dados em profundidade, indo além do aparente, modificando caminhos de forma criativa, sempre rumo ao novo, ao não conhecido” (p. 21). Ante a percepção do impacto das perguntas de pesquisa e a aparição de conteúdos afetivos delicados e mobilizadores sobre a experiência militar em catástrofes, a pesquisadora viu-se instigada pelo espírito científico sensível ao desconhecido que se apresentou e se construiu quando foi oferecida hospitalidade à narrativa de um sujeito sobre si. Assim, a condição fundamental do método qualitativo empregado nesta pesquisa, e que possibilitou o direcionamento do olhar ao que estava sendo produzido durante a coleta dos dados, relacionou-se à ênfase dada à hospitalidade.

Como refere Kupermann (2017), mediante a hospitalidade, dá-se o acolhimento ativo daquele que chega e a assunção da relevância do ambiente e da intersubjetividade para que ela se efetive. Entende-se, portanto, a hospitalidade, neste artigo, com base na definição de Derrida e Dufourmantelle (2003), como a expressão de abertura para o outro, o direito a que este outro seja bem-vindo. Assim, a hospitalidade dá, sem impor condições, possibilidade de acolher o outro e sua diferença. Logo, a hospitalidade da escuta da narrativa do participante deu condições para que o desconhecido e o inesperado se fizessem presentes como parte fundamental da investigação.

Um tema recorrente observado na realização desta pesquisa diz respeito ao impacto da própria entrevista na possibilidade de ressignificação daquilo que foi vivido por esses profissionais. Nessa perspectiva, o endereçamento da mensagem e a implicação da pesquisadora na interpretação da narrativa possibilitaram a construção de uma nova inteligibilidade sobre a experiência de narrar-se. Este artigo objetiva, portanto, abordar o processo de produção de conhecimento, gestado no *a posteriori* de dois tempos: a narrativa do participante sobre o vivido e as condições de hospitalidade por parte da pesquisadora.

## 2. O CAMINHO PERCORRIDO

Este estudo foi desenvolvido com base em um delineamento qualitativo, no qual os dados são coletados em uma interação interpessoal, tomando como ponto de partida os significados que o sujeito e, ou, pesquisador atribuem ao fato. Doze militares do Corpo de Saúde da Força Aérea Brasileira foram convidados a participar de uma entrevista para contar sua experiência de atuação profissional em catástrofes. Os participantes foram caracterizados a partir da sumarização realizada na figura 1.

**Figura 1**

*Sumarização das características dos participantes do estudo*

Participantes*	Sexo	Idade	Estado civil	Tempo de serviço militar (em anos)	Catástrofes em que atuou	Formação
Leila	F	40	Solteira	11	Terremoto no Haiti; acidente aéreo; incêndio na Boate Kiss	Médica patologista
Paulo	M	50	Casado	31	Terremoto no Haiti	Técnico de Enfermagem
Cáren	F	31	Solteira	7	Terremoto no Haiti; enchentes em SC	Enfermeira
Évelin	F	36	Casada	4	Terremoto no Haiti	Médica pediatra
Leandro	M	33	Divorciado	14	Terremoto no Haiti; enchentes em SC; incêndio na Boate Kiss	Técnico de Enfermagem
Marcelo	M	54	Casado	37	Terremoto no Haiti; no México e em El Salvador	Técnico de Enfermagem
Letícia	F	33	União estável	3	Incêndio na Boate Kiss	Enfermeira
Júlia	F	34	Solteira	3	Incêndio na Boate Kiss	Enfermeira
Rosângela	F	35	União estável	3	Incêndio na Boate Kiss	Enfermeira
Matheus	M	35	Casado	5	Incêndio na Boate Kiss	Dentista
Daniel	M	32	Casado	4	Incêndio na Boate Kiss	Médico do trabalho

Fabiane	F	36	Casada	16	Incêndio na Boate Kiss; acidente aéreo	Enfermeira
---------	---	----	--------	----	--	------------

\* Para preservar suas identidades, nomes fictícios foram atribuídos aos participantes.

A coleta dessas histórias permitiu identificar o traço colaborativo pertinente a uma pesquisa narrativa, na qual, segundo Creswell (2014), o pesquisador tem um papel ativo tanto na coleta quanto na análise dos dados. O autor menciona que, “em pesquisa narrativa, um tema-chave tem sido a atenção dada à relação entre o pesquisador e o pesquisado, em que ambas as partes irão aprender e se modificar nesse encontro” (p. 72). Assim, foi possível, a partir das entrevistas, mas, sobretudo, do enlace entre a narrativa e a hospitalidade da escuta, construir e apreender, posteriormente, novos sentidos sobre a experiência investigada.

O contato com os participantes deu-se após a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade à qual se vincula a pesquisa. O primeiro militar foi escolhido a partir de uma consulta a documentos da instituição, o que desencadeou a indicação dos participantes seguintes da pesquisa, conforme a técnica da “bola de neve” (Turato, 2003). Todas as entrevistas, conduzidas por uma única pesquisadora, foram gravadas em áudio e transcritas. A exploração do material obtido foi realizada por meio da análise dialógica da narrativa, mediante a qual “o foco se volta para como a história é produzida (isto é, interativamente entre o pesquisador e o participante) e como se realiza (ou seja, procurando transmitir alguma mensagem ou argumento)” (Creswell, 2014, p. 70). Seguindo a orientação de Creswell (2014), a história elaborada em conjunto na entrevista pode ser guiada por estruturas interpretativas que considerem também a experiência de escuta do pesquisador. Tais interpretações foram norteadas, na ocasião da coleta e no momento da análise dos dados, pela opção epistemológica da Psicanálise. Logo, a partir das mudanças entre os propósitos iniciais da investigação e o que foi sendo construído *a posteriori*, localiza-se, nos singulares elementos transformadores da pesquisa, o eixo investigativo deste estudo.

### 3. REPERCUSSÕES DO ENCONTRO

Por meio da análise narrativa dialógica (Creswell, 2014), foi possível problematizar o percurso da pesquisa e analisar as histórias que se atualizaram durante sua realização. Assim, a experiência produzida neste estudo pela dupla pesquisadora/participante permitiu a constatação de elementos que contribuíram para a produção de conhecimento sobre o processo da própria pesquisa. No contexto de uma investigação narrativa, Teixeira Filho (2002)

aponta a importância de incluir o papel do pesquisador. Há que se considerar, portanto, o destinatário da história contada.

Indo ao encontro do proposto por Creswell (2014), é importante compreender que, nesse contexto de construção a dois, próprio de uma pesquisa narrativa, deve-se considerar que “dentro da história do participante também pode estar uma história entrelaçada do pesquisador” (p. 72). Assim, a pesquisadora, tendo sua postura investigativa alicerçada na transferência com a Psicanálise, exerceu uma escuta mediada pela experiência de hospitalidade à narrativa do outro. A utilização da metáfora da hospitalidade, conforme descrita por Derrida e Dufourmantelle (2003), e considerada um dos princípios fundamentais da ética do cuidado (Kupermann, 2009), viabiliza o oferecimento de uma acolhida sem condições, propiciando a abertura ao desconhecido e cedendo-lhe um lugar.

Assim, a prática da hospitalidade na escuta engloba uma atitude que exprime o acolhimento ao outro e às suas necessidades, legitimando uma linguagem própria e reconhecendo-a como provida de singularidade. A natureza hospitaleira da escuta psicanalítica evoca, portanto, o papel do outro ao exercer a função de receptividade incondicional a fim de favorecer a expressão de processos subjetivos singulares.

O aceite, por parte dos profissionais, ao convite da pesquisa fez eco ao desejo de investigação da pesquisadora, constituindo um campo de compartilhamento de intenções. Ao longo da realização da pesquisa, portanto, foi possível indagar-se sobre os efeitos produzidos no enlace entre narrativa e hospitalidade. Paulatinamente, a pesquisadora foi sendo confrontada sobre o que estava sendo-lhe direcionado via palavra do participante. Cáren, por exemplo, referiu-se à pesquisadora-psicóloga, idealizada por ela como detentora da preparação emocional desejada, para mencionar o que considera faltante em si mesma:

Eu fui preparada pra um fardo emocional violento. Porque eu não tenho preparação psicológica, tipo igual a você, psicóloga. Eu não sei muito. Tenho o básico que qualquer um da saúde tem, mas o fardo emocional que a gente viveu lá foi muito alto. E a minha maior falha técnica é não ter muito essa preparação da parte emocional.

A partir dessa fala, Cáren conseguiu expor aspectos emocionalmente marcantes de sua experiência de trabalho, revelando a mobilização afetiva decorrente do que presenciou no cenário da tragédia e indo, além desta, em sua narrativa. Conforme a diferença mencionada pela entrevistada como “falha técnica” foi sendo ressignificada como algo que pudesse resultar em acolhimento ao que imaginava que lhe faltava, possivelmente ancorada na percepção de uma escuta atenta da pesquisadora, Cáren explanou acerca de sua dificuldade de falar sobre o que viveu:

Ele tentou ressuscitação, tentou tudo e não conseguiu. A criança morreu. (Choro) (Silêncio). [Era disso que tu falavas sobre se deparar com uma realidade totalmente diferente?]<sup>1</sup> É. Faz tempo que eu não falo disso. Mas era bem chocante. [E como está sendo conversar sobre isso depois de um tempo?] Eu não sou muito de falar. Eu falo de qualquer coisa, menos de mim. Sei lá, eu tenho problemas em demonstrar emoções.

Mesmo com a própria hesitação em falar sobre o que viveu, Cáren aceitou o convite para participar da pesquisa e, no encontro ocorrido na entrevista, favoreceu-se a criação de vias para se narrar e entrar em contato com afetos relativos à sua experiência de trabalho. Cáren faz na entrevista com a pesquisadora-psicóloga uma importante “denúncia-apelo”. Denunciou a ausência e a importância de a instituição oferecer um apoio psicológico, compreendido por ela como sendo uma preparação e, ou, amparo frágeis, apelando também para o cuidado com o mencionado “fardo emocional”, inerente ao trabalho de intervenção em cenários trágicos:

A gente não teve um apoio psicológico. E foi justamente a parte que eu senti mais dificuldade. Como eu não sou de falar e não gosto de demonstrar, as pessoas nunca vão notar. Se você me perguntar, eu estou sempre bem, estou sorrindo. Então, eu acho que tinha que ter esse preparo, mesmo que a pessoa não demonstre. Tipo eu, dificilmente você vai ver eu demonstrar alguma coisa. [É, mas não demonstrar não significa que não está sentindo.] Não significa que não sente, claro. Por isso eu acho que tem que desenvolver melhor esse lado, tem que ter esse preparo psicológico. Antes e depois.

O investimento na palavra, tal como se deu na entrevista, revelou um duplo enlace entre alguém que se dispõe a escutar (pesquisadora) e alguém que tem algo a dizer (participante). A convergência de intenções viabilizou a produção de um novo sentido que trouxe à tona uma nova demanda a partir da reflexão da participante sobre si mesma.

Os relatos reproduzidos a seguir demonstram como a entrevista viabilizou a aproximação do entrevistado com a pesquisadora-psicóloga como uma oportunidade para buscar respostas acerca do próprio estado emocional. Na entrevista com Paulo, que teve a duração de duas horas, foi possível observar a maneira pela qual o participante interpelou a pesquisadora, desvelando também a curiosidade sobre ser “normal” ou não seu desejo de narrar o experienciado:

[Não sei se tem mais alguma coisa que tu queiras me contar que eu não te perguntei. Alguma observação?] Não. Acho que era mais ou menos isso aí. Está dentro da média do que os outros responderam? Pra mim é sempre um prazer falar disso. Eu gosto dessas coisas. Eu queria fazer parte, se me perguntassem, de uma equipe só para atendimento de área inóspita ou de tragédia, entendeu? Eu sei que muita gente não pensa assim, mas é o que eu penso. Se fosse pra ficar mais tempo, eu ficaria. Mas não sei se todos ficariam.

<sup>1</sup> Na transcrição dos trechos das entrevistas, o texto entre colchetes indica a intervenção da pesquisadora.

De maneira similar, ao término da entrevista com Letícia, a participante solicitou um parecer da pesquisadora sobre os conteúdos por ela manifestados:

A sensação, agora falando, é que volta um pouco do que aconteceu. Foi difícil, foi muita gente. Não teve tiro, não teve bomba, mas eu me senti como se estivesse em uma guerra. Bem isso. E claro que é angustiante falar. Mas eu queria saber se as pessoas que tu entrevistou respondem mais ou menos parecido ou foi bem diferente.

Leandro, de forma mais sutil, valeu-se da entrevista para demandar à pesquisadora um saber sobre o que não conhece de si mesmo:

Mas nesse sentido mais psicológico, eu vejo que, apesar da tristeza que se vê, de tudo o que se vê, pra mim foi bem tranquilo. E isso é uma coisa que eu já tenho notado há algum tempo e que eu não sei se é ruim ou não, a senhora como psicóloga pode me dizer. Eu não tenho aquele choque emocional de ficar entristecido, deprimido, baixo astral por aquilo que eu estou vendo, entendeu? Nesse sentido, pra mim, é muito tranquilo. Eu foco no que eu tenho que fazer e eu faço o que eu tenho que fazer. Ali é o meu trabalho, entendeu?

Para Ferreira e Grossi (2002), a presença de alguém que escuta a história narrada possibilita a construção de um sentido produzido também na relação entre participante e pesquisador, na situação de pesquisa. Os autores consideram como um dos pilares da escuta na pesquisa a postura ética do pesquisador que conduz a entrevista com responsabilidade e respeito à verdade do sujeito. Assim, os autores sublinham que “é a partir desse lugar de significação que o pesquisador da história oral, ao se deparar com sujeitos, deve assumir uma responsabilidade ética, pois a relação sujeito/outro necessita ser contemplada em um processo que envolve individualidades” (Ferreira & Grossi, 2002, p. 127). Na sequência, Leandro retomou sua investida em busca de uma resposta:

Eu não sei até que ponto isso é bom, até que ponto isso é ruim. . . [Não sei se é bom ou ruim, acho que tu estás me dizendo que foi preciso e que talvez seja necessário, nessas situações, um certo distanciamento para conseguir fazer o trabalho.] É, pode ser. Não que eu não trate bem o paciente, não é isso. Mas eu faço o que tem que fazer e deu, entendeu?

A intervenção da pesquisadora permite ilustrar o que Teixeira Filho (2002) destaca como um aspecto importante do processo de pesquisa narrativa: a negociação. Para o autor, esse quesito envolve a produção de uma responsabilidade compartilhada entre pesquisador e participante que neutraliza a concepção da existência de uma verdade. Assim, tal “negociação é fundamental para o processo de pesquisa narrativa, porque nela se assume que nem o pesquisador nem o participante possuem certeza acerca do que está sendo pesquisado. Ou seja, nenhum dos dois detêm a verdade do que se pesquisa” (Teixeira Filho, 2002, p. 239). A atitude da entrevistadora em se abster de dar uma resposta ao que o

participante queria saber sobre si produziu uma nova compreensão sobre o que estava sendo dito, uma compreensão negociada e representativa dos sentidos que ambos deram ao discurso.

Norteadada por uma ética fundamentada na hospitalidade, a entrevista no contexto desta pesquisa transformou-se em uma ferramenta de escuta marcada por outra forma de condução que não meramente investigativa. Ao legitimar a presença de um outro (entrevistadora) que quer saber do sujeito (participante), mantendo sua posição de não saber, foi possível estabelecer fronteiras alteritárias e dar espaço ao desconhecido. Segundo Ferreira e Grossi (2002), essa circunstância abre espaço para uma maior autoconsciência do narrador que, ao oferecer sua verdade para ser contada, pode acessar aspectos nunca pensados ou falados. Em consonância a essa compreensão, Coelho Júnior (2008) identifica, nos processos psíquicos mediados pela linguagem, a “possibilidade de retomar o que já foi dito e de instaurar o ainda não dito” (p. 91). Assim, ainda na entrevista com Leandro, foi possível reconhecer a “novidade” que interroga o não pensado por ele, a saber, o que é difícil sentir:

[O que tu me dirias que foi mais difícil pra ti lá?] A maior dificuldade? Ah, é uma pergunta boa essa. Eu não sei dizer. . . É, eu não sei dizer. . . Uma dificuldade? Acho que foi tudo tão tranquilo, porque, apesar de todo o trabalho, a gente conseguiu atender. Tudo fluiu bem. [Vou fazer a pergunta de outro jeito, então. O que que mais dificultou o teu trabalho lá?]

Após esse segundo questionamento, Leandro conseguiu narrar situações que considerou difíceis em sua vivência laboral em catástrofes. Em razão do contexto institucional exigente de uma postura viril e desafetada, assim como outros militares, Leandro empreende tentativas de não acessar aspectos que poderiam ser interpretados como fragilidade. As dificuldades inerentes ao exercício do cuidado em condições inóspitas podem ser negligenciadas pelos profissionais, mas não passaram despercebidas pela pesquisadora. Logo, a escuta alicerçada na ética psicanalítica reconheceu a singularidade do vivido e a importância de sua manifestação desde a palavra de quem o experimentou, funcionando como instrumento de sensibilização capaz de inaugurar um espaço no qual pôde acontecer algo novo. O desfecho do encontro com Leandro revelou o eixo “articulador de contextos para a reflexão e produção de sentido” (Teixeira Filho, 2002, p. 239) próprio a uma entrevista caracterizada pela hospitalidade daquele que escuta também ao ainda não narrado pelo outro:

[Não sei se tem mais alguma coisa que tu queiras contar que eu não perguntei?] Não, era isso. Foi bom, sabe? Faz tempo que eu não falo nisso assim, dessa maneira tão. . . Contando o que foi, como foi, o que eu vi, o que eu senti. Depois que eu voltei, os caras vinham perguntar. Em resumo, eu dizia que foi uma experiência profissional e humana inigualável. Talvez não viva isso outra vez. Mas ninguém pergunta muitos detalhes.

Um dos princípios éticos da entrevista no cenário da pesquisa diz respeito, conforme Ferreira e Grossi (2002), às possibilidades que se abrem na opção de “ouvir sujeitos não escutados, que demandam cuidado em nossa ação de entrevistadores” (p. 128). A construção de condições para que a palavra, dotada de singularidade, pudesse circular na entrevista alude a uma diferença em relação ao que se presencia comumente no contexto militar. A exigência institucional de uma conduta única regida por um estatuto normatiza as subjetividades e regula os ritmos psíquicos de seus membros. O oferecimento de valor à palavra do sujeito destituída de um código comum resgatou o protagonismo narrativo desses profissionais e inverteu a perspectiva institucionalizante e homogeneizadora própria ao militarismo. Nesse sentido, os participantes entrevistados foram considerados autores da própria fala, de modo que suas narrativas possibilitaram o acesso a implicações particulares não somente na produção de sentido sobre o experienciado na intervenção em catástrofes, mas também na ocasião da pesquisa.

A enunciação presente no ato de narrar efetiva uma modalidade própria de subjetivação, pois o ato de dar a palavra é acompanhado do oferecimento de uma posição central para o sujeito da experiência. Birman (2018) faz um importante assinalamento a respeito da característica que se faz presente na narrativa da clínica psicanalítica, ao constatar que, nela, o sujeito e sua história ocupam papel de destaque. Nessa direção, a partir do embasamento ético próprio ao encontro produzido com os participantes do estudo, pode-se fazer uma aproximação do que Birman (2014) considera ser, em referência ao processo clínico em Psicanálise, a figura do outro na experiência psicanalítica. Para o autor, a atitude alteritária exige a “posição do outro como operador fundamental para a produção dos enunciados do inconsciente” (Birman, 2014, p. 40). Faz-se importante marcar que, guardadas as distinções entre o que pode ser construído em um processo terapêutico e o que foi observado no campo próprio a uma pesquisa sustentada em aportes da Psicanálise, a ética que rege o papel do investigador permite o acolhimento com hospitalidade à narrativa que o sujeito produz, respeitando o que enuncia ao seu ouvinte.

Nessa perspectiva, o sujeito narrativo é sempre intersubjetivo (Serpa Júnior et al., 2007). A intersubjetividade, para Matos e Lampreia (2018), foi tomada como um conceito psicanalítico nas últimas décadas e demarca a importância da alteridade na experiência concreta. Santos e Fortes (2011) compreendem que a intersubjetividade evoca a concepção da necessária alteridade constitutiva que promove a inserção na lógica simbólica, mediante o apelo ao outro. A palavra que se direciona ao externo suplica compreensão. Logo, ao falar, o sujeito precisa fazer-se entender e, ao ser escutado, recebe um reconhecimento de valor. Cabe destacar a afirmativa de Han (2016), no sentido de que “a escuta tem uma

dimensão política. É uma ação, uma participação ativa na existência dos outros e, do mesmo modo, nos seus sofrimentos” (p. 92). Pensar a entrevista como uma experiência compartilhada e, portanto, alteritária permite compreendê-la como um instrumento de afetação.

Um campo de afetação é nomeado por Maia (2003) para definir as trocas resultantes do movimento de afetar e ser afetado no encontro com o outro. Para a autora, as trocas intersubjetivas possibilitam a construção de um espaço de assimilação e criação de sentidos para as experiências que carecem de possibilidades narrativas. Na mesma perspectiva, Rozenthal (2009) registra que a construção de um campo compartilhado que opera pelo potencial de afetação pode realizar mudanças psíquicas. O encontro com Júlia explicitou a afetação decorrente da experiência laboral e da experiência narrativa. A militar apresentou dificuldades na conciliação de horários para o agendamento da entrevista. De todos os profissionais entrevistados, a conversa com Júlia foi a mais curta e, em muitos momentos, ela dizia não saber o que falar. Os fragmentos a seguir demonstram a sensibilização que foi, pouco a pouco, acontecendo em seu momento narrativo:

Na verdade, lá na hora, bloqueou. Me deu uma coisa de olhar. Parecia filme de terror e depois passou. [Por que será que bloqueou?] Não sei. . . Na hora lá. . . Não sei, não faço ideia. Mais tarde, eu comecei com diarreia e vômito, e fiquei nesse vai e vem no banheiro até que acabei indo fazer medicação. [Como te sentiste por ter passado mal, por ter que tomar medicação, enfim, o que tu pensaste disso tudo?] Sei lá se era sistema nervoso ou o quê. A gente não se alimentou direito. Então, na verdade, eu achava que era por isso. . .

Eu acho que eu fiz tudo que eu podia. Até meu limite. [E qual tu achas que era o teu limite?] Ai, qual que era? Não sei. A gente se força, a gente vai mais ainda, mas. . . Não sei se aquilo ali já era o meu limite. Porque o psicológico da gente mexe muito. [Parece que é difícil de reconhecer até onde a gente pode ir? O limite. . .] É, pois é. A gente fica com essa pergunta. É que a gente sempre quer dar mais e mais. Mas chega uma hora que não dá. [E aí faz o quê quando não dá para dar mais?] Daí. . . Não sei. . . Quem sabe dê outros sintomas. Aquilo que me deu, acho que foi por causa disso.

Os trechos da entrevista demonstram a afetação, inicialmente reconhecida apenas como uma perturbadora intensidade decorrente do trabalho no cenário da catástrofe. Progressivamente, as intervenções da pesquisadora convidaram à reflexão sobre a atribuição de outros sentidos à afetação, possibilitando a Júlia inaugurar uma inteligibilidade sobre si mesma. O efeito das perguntas favoreceu a construção de uma história viva que fez despontar os processos subjetivos do narrador.

Ao retomar o conceito de construção como parte do trabalho elaborativo do analista, Souza (2018) dá visibilidade àquilo que se coloca em movimento

quando se compartilha uma narrativa. Nessa direção, também no enlace da escuta na pesquisa com a narrativa do entrevistado, dá-se, como refere o autor, a potencialidade da construção de sentido. A produção de movimentos subjetivantes decorrentes da experiência de afetar e ser afetado no encontro narrativo representam o que Ferreira e Grossi (2002) denominam autonomia do ato de narrar. Na experiência narrativa, assumir um posicionamento subjetivo próprio se faz possível em razão do tipo de presença do interlocutor.

A partir da perspectiva da produção de significado como efeito da produção de cuidado (Figueiredo, 2012), instaurou-se, na ocasião da entrevista investigativa deste estudo, uma circunstância de cuidado para fazer advir a subjetividade do cuidador. Pautada na ética psicanalítica, a postura da pesquisadora buscou dar condições de significação. Para Plastino (2009), a produção de cuidado é a base fundamental para a produção de significado. Ao pensar o cuidador como um agente de significação, o autor indica que o processo de cuidado propicia uma experiência integradora e uma vivência de sentido.

Figueiredo (2012) registra que cuidar nada mais é do que investir atenção no outro, acolhendo-o em sua singularidade e oferecendo-se como testemunha e reflexo de sua imagem. Na tessitura de um campo intersubjetivo, o autor explicita a ética característica do agente cuidador.

Utilizar-se-á o diálogo com Leila para ilustrar como o ato de cuidado pôde se fazer presente na condução de uma entrevista em pesquisa. A participante iniciou a conversa com descrições superficiais sobre sua larga experiência de atuação em desastres. Paulatinamente, ela foi deixando-se afetar pelas intervenções da pesquisadora e, ao noticiar sobre ter presenciado o sofrimento alheio, as perdas decorrentes da catástrofe bem como a pobreza e a escassez de recursos para a execução do trabalho, foi deparando-se com questões pessoais angustiantes:

Eles se lembravam que meu pai tem problema neurológico. E eles perguntavam: “Como é que está seu pai?”. (Longo silêncio) (Choro) Acho que, todo dia, eles tinham coisas boas pra nos dizer. A gente pensava: “Mas eu não vou conseguir dar tratamento pra essa mulher, eu não vou conseguir dar o seguimento em uma terapêutica adequada”. E eles diziam: “Bom, mas, pelo menos, a senhora fez o diagnóstico, pelo menos, ela foi atendida”. E aí a gente se conformava, de certa maneira. (Silêncio)

Ao narrar-se, Leila defronta-se com os próprios temores, dando-se conta da própria limitação, seja em relação à doença do pai ou àquilo que tocava as intervenções em um cenário que sempre questionava a eficácia do seu saber. Ao ser indagada sobre o valor de sua experiência, Leila produziu a seguinte compreensão:

Essa parte técnica era algo que obviamente me assustava. [Por que tu dizes obviamente?] Porque eu não sabia se eu seria capaz de desempenhar aquilo que eu fui designada a fazer. Mas eram coisas que eu precisava passar, que eu me propus, porque, afinal de contas eu me voluntariei e estava disposta a aprender o que tinha pra aprender lá. [E o que tu aprendeste?] A ser mais humana. (Choro) A tentar entender que nem tudo está na minha mão. E tentar aceitar isso, que isso é difícil. A gente entende, mas não aceita.

A condição de desconhecimento assumida pela pesquisadora, quando demonstra sua falta de saber sobre o que parecia tão óbvio para a participante, permitiu a criação de um dispositivo regido pela ética do cuidado. Ao abordar a escuta com base no campo terapêutico da Psicanálise, Coelho Júnior (2008) especifica que a fala particular de um sujeito carrega a potência de colocar processos psíquicos em movimento provocando transformações. Com base nessa consideração do autor, pode-se pensar que a prática de pesquisa cuja escuta é mediada pela transferência com a Psicanálise não se furta a buscar, assim como um analista em seu exercício clínico, “pela marca evocativa da linguagem, a abertura para que sentidos possam emergir” (Coelho Júnior, 2008, p. 92). Para o autor, a escuta que se estende ao não previsível e acolhe o inesperado possibilita a apreensão de uma multiplicidade de sentidos desvelados pelos entrelaçamentos próprios à linguagem.

A entrevista com Leila foi encerrada porque a própria participante solicitou que o gravador fosse desligado após grande comoção: “Aquelas famílias. . . (choro intenso) Perderam muito. Nós também perdemos. É isso!”. Já com o gravador desligado, a pesquisadora perguntou como ela estava se sentindo, ao que ela respondeu:

Muitas pessoas me perguntaram como foi. Eu até já tinha uma situação na cabeça pra eu contar sempre a mesma história. Mas nunca ninguém havia perguntado como eu me senti. Então, eu não estou muito acostumada com essa pergunta.

Ao término da conversa, Leila mencionou que, se fosse preciso realizar entrevistas posteriores, prontificar-se-ia a falar novamente, evidenciando o reconhecimento do efeito em si de poder endereçar a outro sua narrativa sobre o vivido. Coelho Júnior (2008) indica que a produção de uma fala direcionada a um outro possibilita a “atualização de um pensamento sobre uma dada experiência que, quando expressa, foge do conjunto coerente no qual se situava e passa a compor uma nova atmosfera ao confrontar-se com a forma de escuta” (p. 90). Nessa passagem, o autor destaca o poder transformador da linguagem mediante o “potencial de expressar o que não está podendo ser expresso” (p. 91).

De maneira consoante à concepção do papel transformador da linguagem, Lejarraga (2008) sublinha a necessária ajuda de um terceiro para exercer o papel

de mediação, de modo a auxiliar o sujeito a reconhecer o sofrimento advindo de uma experiência. Ao problematizar a ética da Psicanálise diante do sofrimento psíquico, Hornstein (2012) traça uma diretriz: a necessária criação de enlaces criativos para proporcionar ressignificações do histórico vivencial. Considera-se, portanto, que a pesquisa pode operar, sob determinadas condições, um “enlace criativo”, conforme nomeia o autor. A narrativa e o acolhimento aos múltiplos e novos sentidos emergentes de uma experiência, bem como às tentativas e hipóteses de rearranjos decorrentes do reconhecimento da mobilização afetiva experimentada podem ser favorecidos pela via de uma produção *a posteriori* em uma situação de pesquisa.

Matheus ocupou o espaço de palavra favorecido pela entrevista para expor a angústia de um acontecimento recente que nada tinha a ver com o objetivo da investigação:

[Tu atuaste em alguma outra situação parecida com essa?] Não, de socorro não. Mas de situações traumáticas, talvez. Eu fui assaltado três vezes a mão armada. Inclusive a última foi agora, há vinte dias atrás. Em nenhuma das vezes, eu fui ferido nem nada, mas só o fato de ser abordado, de ter sido ameaçado é frustrante. Tu fica bem mexido. Até há uma semana atrás, eu ainda estava desestimulado, mas agora acho que as coisas estão se normalizando.

Ao se deparar com a necessidade de instaurar um espaço de hospitalidade à narrativa dos participantes, a pesquisadora acabou exercendo, de maneira concomitante, as três modalidades de cuidado indicadas por Figueiredo (2012): o questionar, o reconhecer e o acolher. Para o autor, a prática dessas ações possibilita a “instalação de uma capacidade de fazer sentido” (Figueiredo, 2012, p. 140). Nessa direção, a pesquisadora, sustentada pela ética psicanalítica, desempenhou ações de cuidado que promoveram uma alternância de presença implicada e de presença em reserva (Figueiredo, 2012). Ao colocar-se como uma presença implicada, comprometida, atuante e exigente de respostas, a pesquisadora questiona e convoca a falar. Como resposta a essa exigência, o sujeito-participante pode vir a ser. Logo, quando a entrevistadora adota uma condição alteritária de presença em reserva, o sujeito-participante pode reconhecer-se na ação e, ao mesmo tempo, ser reconhecido em sua singularidade. No fragmento de outra entrevista, observa-se o efeito, certificado por Marcelo, da escuta que alterna implicação e reserva:

A senhora está fazendo uma pesquisa. Em muitas pesquisas o pessoal pega as amostras e direciona. E a senhora evitou direcionar o meu parecer. Isso é ótimo. Cada informação que a senhora me pede, eu vou buscando aqui no meu arquivo (aponta para a cabeça).

A experiência na pesquisa foi além da proposta inicial de configurar-se como um mero encontro de entrevista investigativa. No acolhimento do impacto do

vivido pelos militares no trabalho em catástrofes, a hospitalidade à narrativa produzida em um tempo posterior deu, ao tempo anterior, um novo sentido. Assim, as práticas hospitaleiras de recepção propiciaram o estabelecimento de ligações, dando forma e inteligibilidade aos acontecimentos (Figueiredo, 2009) em uma perspectiva temporal *a posteriori*.

André (2013) discute a noção do *a posteriori* para a Psicanálise e indica que uma das acepções do termo “evoca uma atribuição de sentido, uma significação, uma simbolização que intervém *depois* que o acontecimento se produziu, num segundo tempo” (p. 128). Para o autor, na dinâmica do *a posteriori*, é possível vivenciar (re)organizações e (re)inscrições de conteúdos psíquicos anteriores. O aspecto temporal é central na compreensão do *a posteriori*, pois a nova aquisição de sentido resulta de uma “significação tardia, postergada em relação à ocasião do acontecimento” (André, 2013, p. 128). Os recortes a seguir de entrevistas com Fabiane e com Daniel exemplificam o efeito do *a posteriori*, ante o qual exercitaram a capacidade de, retrospectivamente, abrir novos sentidos ao vivido. Fabiane assim anunciou:

Até hoje, as pessoas ainda querem saber como foi aquele dia. [Sim, tanto que eu também estou aqui te perguntando sobre isso. . .] Pois é. E volta tudo. Volta o calor daquele dia, volta a falta de ar, de vento. É como se todo mundo tivesse prendido a respiração, sabe? Não tinha vento. Era uma sensação de sufocamento. Que dia horrível! Que dia horrível. (Silêncio) [E como está sendo pra ti falar hoje, depois de passado esse tempo? De vir alguém aqui no teu trabalho, te convidar para falar de uma experiência difícil que tu viveste e tu concordares com isso?] Eu achei que estava bem tranquilo e que eu podia falar. Mas é que dando mais detalhes e voltando àquele dia, tudo isso vem muito à tona. Mas eu consigo falar. Eu fico chateada, lógico. Foi muito triste, mas consigo falar. Achei que fosse ser mais tranquilo, na verdade. Achei que eu fosse conseguir falar bem imparcial. Mas, quando as emoções vêm, a gente não consegue. E eu aceitei participar, claro, mas por um motivo muito relevante. Mas quando é pra falar por falar, não aprofundo, fica só o básico. . .

Daniel, ao relatar um impasse vivido no trabalho em catástrofes, expressou:

Eu acho que eu nunca parei pra pensar a respeito disso. (Longo silêncio) (Choro) Agora eu estou entendendo. (Silêncio) [Estás entendendo o quê? O motivo da pesquisa?] É. Normalmente é mais tranquilo falar disso. Quando perguntam, tu vai até onde tu te permitir. E sempre foi tranquilo pra falar, porque acho que eu falava de uma forma profissional. Agora indo mais a fundo e retomando essas cenas e todo esse contexto que a gente foi envolvido, esses conflitos, enfim, isso desperta os sentimentos, as emoções. Acho que talvez essa é a segunda vez que eu choro falando sobre isso. [E o que tu achas que teve de diferente na nossa conversa em relação às outras conversas sobre isso?] Essa semana mesmo, eu tive que falar sobre isso no trabalho. Mas eu fui indo até onde eu queria ir e eu falei só aquilo que eu queria falar. Sempre controlando o que falar, até como uma forma de continuar lidando com aquela situação. E não é que aqui tu me obrigou a falar, mas tu quis saber mais a fundo, com mais detalhes. E essas pequenas histórias que aconteceram foram as que mexeram mais.

Acho que a diferença é isso: a gente pode contar a história com aquele fundo estritamente profissional ou sem ter nenhum compromisso de falar tecnicamente e contar uma história com a emoção, com aquilo tudo que vier e falar. Acho que essa é a diferença: aqui eu tive a oportunidade até de externar aquilo que naqueles momentos eu não tive. Tamanho era o olhar na catástrofe que eu não me permiti extravasar isso de uma forma mais humana e menos profissional.

As narrativas dos participantes aproximam-se do proposto por Mendes (2012) ao denominar a presença de uma ação retrospectiva na temporalidade do *a posteriori*. A autora enfatiza que o nexos retrospectivo subverte a linearidade, pois não se trata do “tempo que passa, tampouco do tempo que não passa, é o tempo que transforma, que se abre para o novo” (Mendes, 2012, p. 73). A partir do relato sobre como foi (no tempo passado), a entrevista colocou em movimento uma sucessão de acontecimentos que produziram rearranjos ininterruptos e que fizeram entrar em cena o que é agora (no tempo presente).

André (2013) aborda o efeito da temporalidade do *a posteriori* em sua relação com as condições de construção de uma capacidade de historização e, ou, com a possibilidade de reescrever a história. Para o autor, “o próprio do *a posteriori* é, ao menos, abrir a possibilidade da história” (André, 2013, p. 131). A abertura dos profissionais entrevistados ao convite de participar da pesquisa revelou a existência de certa plasticidade e permeabilidade ao campo de afetação e de cuidado construído na situação de pesquisa. A surpresa e o acolhimento, também por parte dos participantes, diante das novas significações construídas pela via do *a posteriori*, na ocasião da entrevista, marcaram a convergência do desejo de narrar e da escuta sensível. As passagens a seguir registram as falas de Évelin e de Rosângela, respectivamente, sobre a inauguração de sentidos no momento da entrevista:

E foi agora que eu me dei conta. Aqui, conversando contigo. Por que eu não voltei direto? Estava louca de saudade. Mas fiquei três dias lá ainda. Não sei se foi uma adaptação ao mundo sem terremoto. Talvez tenha sido, e eu não tinha me dado conta disso.

Fiquei até um pouco acelerada agora para falar, porque eu não falo muito. Não consigo falar muito sobre isso que aconteceu. Não sei por quê. Eu evito. Não gosto de ficar falando. Não sei se é uma proteção minha. . . É que tu começa a lembrar de tudo, não sei, achei tudo muito triste. Deve ser uma proteção minha não ficar falando muito sobre isso.

O desenvolvimento de uma pesquisa narrativa, como assinala Creswell (2014), engloba a classificação das histórias contadas em uma estrutura cronológica. Ante o dispositivo criado nas entrevistas deste estudo, instaurou-se um campo investigativo que levou em consideração a cronologia do *a posteriori* em duas versões. A primeira refere-se ao *a posteriori* do pós-fato, historizado por meio

das narrativas produzidas, ocasião em que os participantes puderam resgatar uma memória representacional e tiveram a oportunidade de conferir à sua experiência laboral um novo sentido. A segunda modalidade alude ao *a posteriori* do pós-entrevista, constituído pela hospitalidade, pela escuta das entrevistas e pela leitura das transcrições via exercício do olhar interpretativo mediado pela transferência da pesquisadora com a Psicanálise. As duas circunstâncias sinalizam a importância do *a posteriori* como tempo decorrente de um trabalho de atribuição de sentido fruto do reconhecimento da afetação e da singularidade do já vivido. Logo, o valor oferecido à palavra e à escuta foi responsável pelo estabelecimento de condições para uma nova leitura construída mediante a hospitalidade no *a posteriori* da entrevista e a produção de conhecimento em Psicanálise no *a posteriori* da pesquisa.

#### 4. PARA FINALIZAR

A experiência do exercício do cuidado em desastres por militares da área da saúde serviu como inspiração para o desenvolvimento de uma pesquisa narrativa. Considerar o rigor e a especificidade da epistemologia da Psicanálise, que orientou a escuta do pesquisador e permitiu que o enlace entre a hospitalidade ofertada e a narrativa do participante ditasse o rumo da investigação, abriu espaço ao novo e inesperado. Mediada pela ética do cuidado, a pesquisadora empreendeu uma investigação acerca de significativas vivências em circunstâncias laborais decorrentes de catástrofes, atentando para que as narrativas produzidas não se transformassem em uma mera resposta ao que pudesse ser tomado como curiosidade ou inquirição. Pela promoção de ações sensíveis, o respeito e o acolhimento às singulares histórias que se originaram no processo de pesquisa (e a partir dele) foram reconhecidos como importantes fontes de produção de sentidos para os participantes e de conhecimento científico para a pesquisadora.

No cenário instituído por este estudo, o papel do investigador psicanalítico foi legitimado em sua capacidade de produzir história em um tempo *a posteriori*. Nessa forma de temporalidade, fundou-se um espaço que possibilitou colocar em movimento a capacidade singular de afetar e ser afetado no encontro intersubjetivo com uma visada retrospectiva que recupera o já vivido, mas que também o ressignifica. Foi necessário atentar-se especialmente às relações recíprocas inerentes à dupla pesquisadora/participante. O destaque dado ao *a posteriori* da narrativa do sujeito sobre si permitiu também considerar a necessidade de aguardar o que resultaria como singular produção de conhecimento derivado de construções interpretativas por parte da pesquisadora, no decorrer do estudo.

A potência da escuta e a conseqüente abertura ao inesperado, características

do dispositivo investigativo da Psicanálise, no qual a singularidade de cada sujeito envolvido na pesquisa (entrevistador e entrevistado) é valorizada, favoreceram, na ocasião da entrevista, a criação de momentos marcados por genuína surpresa ante o que era enunciado pelo sujeito sobre si mesmo. O desvelado surpreendia, no *a posteriori*, o sujeito narrador e àquele que lhe ofereceu a hospitalidade da escuta.

A evidência de restrições à gravação da entrevista, manifestada via solicitações para desligar o gravador e pedidos de autorização para abordar conteúdos específicos com o gravador ligado, ilustra o advento daquilo que não estava previsto no repertório narrativo habitual e tampouco respondia a algo solicitado pela pesquisadora. A sensação de terem falado demais, no sentido de não saberem de antemão o quanto tinham a dizer, foi referida por vários participantes como testemunho do pouco espaço oferecido pela instituição à palavra desses agentes de cuidado. Assinala-se, desse modo, que, a partir de um convite para participar de uma pesquisa sobre a própria experiência de trabalho, instauraram-se possibilidades de criação de sentidos sobre o vivido na narrativa do entrevistado e na hospitalidade da pesquisadora aos elementos dessa narrativa.

Não se trata, portanto, de considerar que o estudo realizado esgotou a temática, mas, sim, que os desdobramentos do experienciado, quando enlaçados à palavra e endereçados à escuta de outro, resultam em importante apropriação de conhecimento de um sujeito sobre si mesmo, seus limites e suas capacidades. Logo, a relevância deste estudo se dá na contribuição que pode e deve advir do cenário da Academia por meio da prática da pesquisa em Psicanálise. Na modalidade investigativa empreendida, perguntar, explorar e dar voz ao narrador permitiu que o processo de produção de conhecimento se apresentasse como resultado do enlace entre o tempo da narrativa sobre o desafio de exercer o cuidado ao outro em cenários devastadores e o da hospitalidade da escuta que atribui essencial valor ao sujeito como enunciador de si mesmo.

## REFERÊNCIAS

- André, J. (2013). O *a posteriori* transferencial dos traumas do início da vida. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 16(esp.), 127-140. <http://www.scielo.br/pdf/agora/v16nspe/09.pdf>
- Birman, J. (2014). Escrita, trauma e violência em psicanálise. *Cadernos de Psicanálise CPRJ*, 30(33), 19-47. [https://www.icict.fiocruz.br/sites/www.icict.fiocruz.br/files/Impasses%20Contemporaneos\\_2014.pdf](https://www.icict.fiocruz.br/sites/www.icict.fiocruz.br/files/Impasses%20Contemporaneos_2014.pdf)
- Birman, J. (2018). Clínica e poder na pesquisa psicanalítica. In L. Fulgencio, J. Birman, D. Kupermann, & E. L. Cunha, *Modalidades de pesquisa em psicanálise: métodos e objetivos*. (pp. 23-45). Vozes.
- Cassorla, R. M. S. (2003). Prefácio. In E. R. Turato, *Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas*. (pp. 19-32). Vozes.
- Coelho, N., Júnior. (2008). Fala, escuta e campo terapêutico em Psicanálise. In L. C. Figueiredo & N. Coelho Júnior, *Ética e técnica em psicanálise*. (pp. 67-95). Escuta.
- Creswell, J. W. (2014). *Investigação qualitativa e projeto de pesquisa: escolhendo entre cinco abordagens*. (3a ed.). Penso.
- Derrida, J., & Dufourmantelle, A. (2003). *Da hospitalidade*. Escuta.
- Ferreira, A. C., & Grossi, Y. S. (2002). A narrativa na trama da subjetividade: perspectivas e desafios. *Economia & Gestão*, 2 (3), 120-134. <http://periodicos.pucminas.br/index.php/economiaegestao/article/view/112/103>
- Figueiredo, L. C. (2007). A metapsicologia do cuidado. *Psychê*, 11(21), 13-30. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psyche/v11n21/v11n21a02.pdf>
- Figueiredo, L. C. (2009). As diversas faces do cuidar: considerações sobre a clínica e a cultura. In M. S. Maia (Org.), *Por uma ética do cuidado*. (pp. 122-140). Garamond.
- Figueiredo, L. C. (2012). *As diversas faces dos cuidar: novos ensaios de psicanálise contemporânea* (2a ed.). Escrita.
- Han, B. C. (2016). *A expulsão do outro*. Relógio D'Água.

- Hornstein, M. C. R. (2012). Sufrimiento psíquico y creación. *SIG Revista de Psicanálise*, 1, 41-51.
- Kupermann, D. (2009). Figuras do cuidado na contemporaneidade: testemunho, hospitalidade e empatia. In M. S. Maia (org.), *Por uma ética do cuidado*. (pp. 185-204). Garamond.
- Kupermann, D. (2017). *Estilos do cuidado: a psicanálise e o traumático*. Zagodoni.
- Lejarraga, A. L. (2008). Clínica do trauma em Ferenczi e Winnicott. *Natureza Humana*, 10(2), 115-148. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/nh/v10n2/v10n2a05.pdf>
- Maia, M. S. (2003). *Extremos da alma - Clínica, experiência subjetiva e campo de afetação*. 2º Encontro Mundial - Estados Gerais da Psicanálise, Rio de Janeiro. [http://egp.dreamhosters.com/encontros/mundial\\_rj/download/3b\\_Maia\\_34010903\\_port.pdf](http://egp.dreamhosters.com/encontros/mundial_rj/download/3b_Maia_34010903_port.pdf)
- Matos, M. G., & Lampreia, C. (2018). Intersubjetividade na psicanálise: contornando a problemática solipsista ou rompendo com o pensamento moderno? *Psicologia em Revista*, 24(1), 60-78. <http://periodicos.pucminas.br/index.php/psicologiaemrevista/article/view/8605/14026>
- Mendes, L. C. (2012). *Por uma metapsicologia do tempo*. [Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro]. Coleção Digital. [https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/Busca\\_etds.php?strSecao=resultado&nrSeq=19587@1](https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/Busca_etds.php?strSecao=resultado&nrSeq=19587@1)
- Plastino, C. A. (2009). A dimensão constitutiva do cuidar. In M. S. Maia (Org.), *Por uma ética do cuidado*. (pp. 53-87). Garamond.
- Rozenthal, E. (2009). Cuidado de si e cuidado do outro: sobre Foucault e a psicanálise. In M. S. Maia (Org.), *Por uma ética do cuidado*. (pp. 225-250). Garamond.
- Santos, N. T. G., & Fortes, I. (2011). Desamparo e alteridade: o sujeito e a dupla face do outro. *Psicologia USP*, 22(4), 747-769. <http://www.scielo.br/pdf/pusp/v22n4/aop3311.pdf>
- Serpa, O. D., Júnior, Leal, E. M., Louzada, R. C. R. & Silva, J. F., Filho. (2007). A inclusão da subjetividade no ensino da Psicopatologia. *Interface – Comunicação, Saúde, Educação*, 11(22), 207-222. <http://www.scielo.br/pdf/icse/v11n22/03.pdf>

- Souza, M. R. (2018). O jogo dos sentidos em psicanálise: alteridade, verdade e construção. *Psicologia USP*, 29(3), 385-393. <https://www.revistas.usp.br/psicousp/article/view/154617/150718>
- Teixeira, F. S., Filho. (2002). Pesquisa narrativa e psicanálise: em busca do corpo-sem-órgão. *Temas em Psicologia da SBP*, 10(3), 229-249.
- Turato, E. R. (2003). *Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas*. Vozes.